

poemas de
Chiu Yi Chih
philomundus e outras prosas (inédito) & naufrágios (2011)

de **philomundus e outras prosas**
inédito
(seleção)

PHILOMUNDUS

*carregamos o mundo
assim como os mortos carregam os seus ossos
é por isso que um homem incendeia a sua velha casa
a mulher de voz mutilada
se deita num caixão de ferro e se põe a meditar*

imagino que daqui a alguns anos não haverá nenhum órgão funcionando, mas um apêndice com a sua estrutura de vértebras e próteses e manivelas enganchadas, já que tudo é máquina e não consigo deslocar meus pés desse lugar maldito, DIGO AGORA:

rato

rato

rato

eterno

ar

maldito

ah! mês de chuva e amores afogados no lixo, mês de cains e abels selando a desventura dos loucos. os ratos se reúnem em assembleias, corroem as fendas da janela, eu começo novamente a reescrever. é por isso que uma mulher sentada na calçada frente à minha casa incendeia a sua própria voz. ponho-me a refletir se houve realmente o início da criação e se haverá um fim nisso tudo, sabendo que meus desenhos são meros esboços de relógios artificiais, conjecturo na possibilidade de um genocídio provocado pela marcha acelerada de terrores e migrações, e meditando em cada eclipse que atravessa os continentes, ponho-me a refletir se haverá uma tal transmigração como relata o mito de Er nas palavras do antigo filósofo – e se, na viagem ao subsolo, caminharemos pela escada escaldante estourando contra todos os ventos, nesse lugar ou não-lugar, em que toda palavra é refém de sua própria armadilha quando alguém escreve, esculpe o seu próprio crânio e atravessa

AQUELE DESERTO POR ONDE O RATO DE HAMLET
SE INTERROGA NUMA ESPÉCIE DE INTERIORIDADE ARTIFICIAL
(...)

MATÉRIA AVESSA

num gesto tão ostensivo a ponto de se confundir com o sinistro intervalo do pensamento assim quando a porta se escancara sobre a imensa lama que jaz aos pés daquele indócil fugitivo sobre o qual se sobrecarregam insanidades de um incerto precário horizonte ao mesmo tempo em que tudo parece se dispersar com a fornalha cega dos invólucros algemados sempre na diáspora conspícua do sacrifício ao lado de inúmeras gotículas em demolidora ebulição onde ele poderia ser dissecado pelas áridas carnes nupciais tanto como simplesmente sob cada espasmo de línguas se desencorajar em certas crateras de

âmbar ou ainda em infalíveis plasmações de inoxidável azul ser espremido contra as veias da intrépida urdidura apesar de que todo acontecimento conclamado não deixa de ser um mero recanto de falsa glorificação pois que o olho de seu fogo indeterminado se desmancha sob as entranhas dos limbos de sóis indigentes alvorecendo até sobre aquelas catapultas embaladas em mudas altitudes já que todos os sons deslizam quais trêmulas caravelas no interior do próprio olho e se rebatem contra si mesmos ao redor de milhares de pássaros em volúpia inconstante assim como aquelas vespas quadricórneas que se rearrajam em hélices prolongados na inútil voracidade de produzir seus algarismos intransitáveis sem nenhuma premonição de que o céu possa velar pelas suas sórdidas maquinarias pois que ao invés de beberem o silêncio de um voo nostálgico apenas pensam em corromper-se invariavelmente sob a trama de ossos finíssimos numa colmeia de brocados que se aglomeram tal como estes bandos de caixotes que miram assim para o alto-mar e se atiram às cápsulas das geleiras de braços alçados ao estado de suspensão ou mesmo como se aquela guirlanda de infusíveis olhares chegando à sua tímida embriaguez somente pudesse ceder suas forças às cínicas e putrefactas espumas quando todo o acaso se recompõe num novo e invejável recomeço

METACORPORIFICÁVEL

maliciosamente submergidas em concavidades enceradas as mãos expiatórias combatem dentro daquele rosto indevassável como se a âncora dos vultos acometidos por uma febre crepuscular as expulsasse para o refúgio do ocaso a tal ponto que inflamadas pudessem se ajoelhar atrás dos tímpanos da tigresa retorcida qual noites reclinadas em fibras de anil na sua famélica raridade de desordem inaudível como se entre milhões de filamentos enfileirados cada uma pudesse se encolher ainda mais enquanto todos insípidos sabores se inseminam por debaixo das efabulações falidas sem poderem decifrar o método de involução dessas pequeníssimas terras tal a indissolubilidade do desejo de certas cadeiras agônicas em cada fenômeno epidérmico onde o ruído da inexatidão pode então se despencar em séries de vidros encarniçados ou como se na latência amplificadora se excitasse a fonética de cada borrão escultórico que parece suspender sobre a costela frágil

da lua este pássaro de coração cinzelado ao mesmo tempo em que se fractura aquela ociosa mulher de espelhos fumegantes assim como seria irrefreável a sofreguidão dos nossos renascimentos quando o olho nem parece mais corresponder àquela rajada íntima de fêmures que cada vez mais vocifera por detrás dos limites improváveis

naufrágios

editora multifoco, 2011
(seleção)

PÓLIPO

para Piva

No braço esquerdo do Pássaro

há um bico

farejando

plumagens

atrás da algazarra dos números

Nenhum farol apazigua a ânsia do remador

A virulência

é

ASA

de

velocidade ferina

LÁGRIMA DE DEUS

BOIANDO

NA

CARAPAÇA PERDIDA

como

Peixe de Escudos

a enaltecer o exército das escamas

Destreza das caudas

de uma vela despedaçada

fincada no pescoço da lua –

RITOS DE UM PEIXE NU

Quem desejaria estes segredos?

Escarificações de Ouro

Abismo

separando

uma ilha da outra

Antebraço alçado

à extremidade –

todo dia

uma senhora carrega

seu guarda-chuva de pedras

como

Primavera Rechaçada

astros enregelados

nos dentes incensórios

Vasta Planície dos tesouros do DIAFRAGMA

Quem sufocaria o revoltoso homem da Mongólia?

Ele escapa

de dentro

da cordilheira

Os dias atrevem-se a ruminar

A lua toca no velho Cristo

Todas as portas dos elevadores

lançam cinzas

atravessando o seu sonho

Um esquimó traz

no bolso

uma semente

Uma chama

descarrila

o velho nas escadas

UMA ESPÁDUA DE ANJO COMO SAL QUEIMADO

São lâmpadas de garras azuis desovando o mar

AS DOCAS

AS DOCES MURALHAS DO CORPO

Intrépidas intermitências

como se o início de

um voo quisesse anunciar

o recesso do trono dos céus

O ESPELHO SE ABRINDO COMO UMA GOTA VERDE

a primeira colherada da trama de BUDA

a noite de clorofilas

tremendo cada sobrelha do Monstro Ágil –

se agora prolongassem

o chamado mais astucioso

os grunhidos

refestelariam-se no hiato que existe

entre o rumor

e a cúpula

o silêncio

e o pânico

Então

as serpentinas

sereias

desde as eras ilícitas

rarefeitas

se somariam

uma a outra:

algarismos arrancados

com

as volutas de asas avermelhadas

semeariam

leões suspensos

nas espigas da NUVEM DESCERRADA

qual solitárias

as árvores germinando

semelhantes aos dedos encéfalos de um temível Andarilho

Uma gaita inalando a dor de uma roseira

UMA GOTA DE SIDRA NAS ASAS DO SÉCULO

CAMINHADA NOTURNA

cavando céus e lavrando luas à sombra de leques transparentes que se bifurcam até o cimo de uma cinzenta fronte como espelho de névoa que sangra sobre as virilhas do vale do sol sem nenhuma direção a não ser alcançando este silêncio a boca dispendiosa espriando-se pelas laringes se não fosse pela sua aparência disjuntada refulgente canto agudo dos gânglios à margem de toda fauna encouraçada as gengivas raspadas por um taciturno óvulo içado aos furacões de um trem partido ao meio vendo-se ingurgitado na borda de uma guitarra que abraça os pés do rochedo expelido pelo mar dos portões e como que num frenesi de dentes eriçados se ressuscitando sobre uma crosta vermelha em sibilantes segundos rebocado pelo caranguejo que desentranha as águas acima da extensa cordilheira de encarquilhadas veias e voando e rouquejando e se afogando em pequenas hordas de monstros com pensamentos que deflagram uma vasta enxurrada de galerias e gargantas que atravessam a escadaria das flores sem nenhuma plataforma onde possa sustentar os tornozelos das frágeis renúncias à procura de lágrimas enlevadas que alastram palavras loucuras ao relento de oliveiras lívidas e lúcidas lavrando o vórtice o vértice o volume a voluta a ventosa o vômito o vício a voracidade a vida transcorrendo entre areias ásperas e aéreas no centro da pedra luminosa na placidez espessa de uma planta assim como a flor que se desconhece olhando as suas próprias pétalas desfiadas ou Hidra de Lerna hibernando satélites emplumados inchando-se de imensas velas impávidas cascatas e dorsos de fálicas avenidas

VIOLAÇÃO

mãos de verde púrpura. com laivos adelgaçados de anfíbia. numa madrugada de janeiro. quando a garganta se enfuna em peixes e símbolos. laço inconsciente de asas projetadas. provavelmente de escala em escala, com várias interrupções, lágrimas intervalares. na região do epicentro, um hiato indecoroso, uma úlcera inclassificável. embora não se soubesse o motivo de tanto alvoroço. germe viscoso fora de seu circuito. mas nesse mesmo ermo acinzentado onde o vento se isola, a membrana se empina, ah! esforço de

Hércules – é também a própria face que se projeta na superfície arredia do outro. cilada embrionária. opróbrio de pouca consistência. tumulto destes vasos acerados enrugando a parte densa do crânio. tortuosa em pinceladas que transcendem ou se desfazem. como se um enorme astro pudesse revesti-la de raios. plasmódios. poligâmica vaidade. e talvez nisso se assemelhasse a uma escarpa de erosões. imperfeita mucosa que se encrespa em minúsculas fendas. florilégio de uma larva ou de um mistério inscrito na rocha feita de opacidade toda fasciculada. sereia cuja asa flameja no asfalto. cardume-ferrugem de algumas efêmeras violações.

Chiu Yi Chih - filósofo, escritor e performer chinês (Taiwan). Mestre em Filosofia pela USP e professor de Filosofia da Arte no Instituto Mandarin Yuan De. Publicou o livro de poesias *Naufrágios* (Ed. Multifoco). Foi premiado no III Festival de Literatura | Letras | USP (categoria Poesia). Atua no LOZ-2962 STUDIO (China-Taiwan-Brasil) com a performance *Philomundus* e está preparando a publicação de dois livros, *Metacorporeidade* (filosofia) e *Philomundus e outras prosas* (prosa poética). Mantém o blog: <http://philomundus.blogspot.com/> e-mail: winnerchiu@gmail.com